
**UMA CONVERSA COM FELIPE CARVALHO TECIDA COLABORATIVAMENTE:
ITINERÂNCIAS DE VIDA-PESQUISA-FORMAÇÃO COM A (CIBER)CARTOGRAFIA**

**A CO-CONSTRUCTED CONVERSATION WITH FELIPE CARVALHO:
LIFE-RESEARCH-FORMATION ITINERANCIES WITH (CYBER)CARTOGRAPHY**

**UNA CONVERSACIÓN CON FELIPE CARVALHO TEJIDA COLABORATIVAMENTE:
ITINERANCIAS DE VIDA-INVESTIGACIÓN-FORMACIÓN CON LA (CIBER)CARTOGRAFÍA**

Felipe Carvalho¹Marcelle Medeiros Teixeira²Jéssica Coelho Parreira da Silva³Dilton Ribeiro Couto Junior⁴**RESUMO**

O texto apresenta um diálogo entre integrantes do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC) e o professor-pesquisador Felipe Carvalho, editor da Revista Docência e Cibercultura (REDOC) e integrante do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC). Em nossa conversa, rememoramos nossas itinerâncias formativas e defendemos que nenhuma caminhada se faz sozinha: nossa formação é atravessada pelo encontro com outras/os pesquisadoras/es, pela generosidade que nos afeta e nos reinventa. Além disso, reafirmamos nosso compromisso ético-estético-político com a produção de conhecimento na cibercultura, seja por meio da pesquisa-formação, da cibercartografia ou da cartografia online. O que tem nos unido é o desejo de partilhar experiências em/na rede, nutrindo a vontade de conhecer, cada vez mais e melhor, os modos como as tecnologias digitais produzem formas de pensar-fazer a docência-pesquisa em tempos de cibercultura.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Cibercultura. Cartografia. Educação.

Submetido em: 11/11/2025 – **Aceito em:** 02/02/2026 – **Publicado em:** 15/03/2026

¹Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd/UERJ). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (PPGE/UNESA). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (GPEC/CNPq). Bolsista de pós-doutorado CNPq pela Universidade Federal de Tocantins (UFT), com sanduíche pela Universidade Aberta de Lisboa. Coordenador GT 16 ANPêd-Sudeste. E-mail: felipesilvaponte@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora substituta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). Bolsista Faperj Doutorado Nota 10. E-mail: marcellemteixeira@gmail.com

³ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do ensino fundamental na Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). E-mail: jessica.parreira10@gmail.com

⁴ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ e do ProPEd/UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência UERJ. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

**ABSTRACT**

The text presents a dialogue between members of the Research Group Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Ciberultura (JEGESC) and the professor-researcher Felipe Carvalho, editor of the *Revista Docência e Ciberultura* (REDOC) and member of the Research Group Docência e Ciberultura (GPDOC). In our conversation, we revisited our formative itineraries and affirmed that no journey is made alone: our formation is shaped by encounters with other researchers and by the generosity that affects and reinvents us. Moreover, we reaffirmed our ethical-aesthetic-political commitment to the production of knowledge in cyberculture - whether through research-formation, cybercartography, or online cartography. What unites us is the desire to share experiences in/within the network, nurturing the will to increasingly and more deeply understand the ways in which digital technologies generate new modes of thinking and doing teaching-research in times of cyberculture.

KEYWORDS: Methodology. Cyberculture. Cartography. Education.

RESUMEN

El texto presenta un diálogo entre integrantes del Grupo de Investigación Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Ciberultura (JEGESC) y el profesor-investigador Felipe Carvalho, editor de la *Revista Docência e Ciberultura* (REDOC) e integrante del Grupo de Investigación Docencia y Ciberultura (GPDOC). En nuestra conversación, rememoramos nuestras itinerancias formativas y defendemos que ningún camino se recorre en soledad: nuestra formación está atravesada por el encuentro con otras/os investigadoras/es, por la generosidad que nos afecta y nos reinventa. Además, reafirmamos nuestro compromiso ético-estético-político con la producción de conocimiento en la ciberultura, ya sea por medio de la investigación-formación, de la cibercartografía o de la cartografía en línea. Lo que nos ha unido es el deseo de compartir experiencias en/en la red, alimentando la voluntad de conocer, cada vez más y mejor, las formas en que las tecnologías digitales producen modos de pensar-hacer la docencia-investigación en tiempos de ciberultura.

PALABRAS CLAVE: Metodología. Ciberultura. Cartografía. Educación.

ITINERÂNCIAS DOCENTES: INICIANDO O BATE PAPO

Dilton: Ficamos muito felizes e honradas/os com o convite da professora Edméa Santos para contribuir com o Dossiê “18 anos do Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura (GPDOC) e 9 anos da Revista Docência e Ciberultura (REDOC): vivências, resistências e reinvenções”. Méa Santos, referência no campo de estudos em ciberultura, tem contribuído imensamente (mas não somente) com o campo da educação, atuando há muitos anos na formação de professoras-pesquisadoras, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Rememorando minha itinerância de pesquisa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), não poderia deixar de mencionar a professora Maria Luiza Oswald. Muito do que aprendi na universidade foi decorrente da experiência formativa que obtive da iniciação científica ao doutorado no âmbito do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Educação e Cultura (IJE), coordenado por Maria Luiza no Programa de Pós-Graduação em Educação



(ProPEd). Durante mais de dez anos, integrei um grupo que buscava ampliar suas redes com outros Grupos de Pesquisa, sendo um deles o GPDOC, liderado pela professora Edméa Santos.

O IJEC também acompanhou a idealização da REDOC, com seu primeiro número publicado em 2017. Nesse primeiro número, o resumo da minha tese de doutorado (Couto Junior, 2017) encontra-se presente, com outras contribuições feitas posteriormente à revista incluindo a participação como parecerista, a publicação de artigos (Silva; Couto Junior, 2020; Ruani; Teixeira; Couto Junior, 2022), a organização de um dossiê em 2022, além de um segundo dossiê atualmente “no forno”, com previsão para ser lançado no segundo semestre de 2025. Fazer parte da história da REDOC e acompanhar suas edições é significativo, considerando que é uma revista que abarca temas contemporâneos elaborados “pela comunidade científica nacional e internacional, da área de Educação e do Ensino e suas interfaces com a cibercultura, identidade, diferença”⁵.

Refletindo sobre o meu percurso, percebo que “a *vida não cabe no [currículo] Lattes*”, como diz o ditado popular na academia, mas mesmo só pelo *Lattes* já é possível ver o quanto as pessoas que integram o GPDOC se fazem presentes em minha itinerância profissional. Vim aprendendo, no chão da universidade, no quanto nos fortalecemos quando “ninguém solta a mão de ninguém”. Pesquisar em tempos de cibercultura nos convida a aprender mais e melhor em parceria com o outro, de modo que possamos ampliar nossos repertórios culturais, como Méa vem nos ensinando há mais de duas décadas: “ninguém sabe tudo, todo mundo sabe alguma coisa diferente do outro e é exatamente essa diferença dos saberes que enriquece o coletivo inteligente” (Santos, 2002, p. 120).

Lembro como se fosse ontem do carinho e da disponibilidade de Méa de contribuir com meu trabalho de mestrado, quando ficamos horas conversando sobre o projeto no ProPEd/UERJ. O texto estava repleto de marcações preciosas, com sugestões/apontamentos que contribuíram para o enriquecimento da pesquisa (Couto Junior, 2012). De modo similar também contei com a presença dela na defesa da tese de doutorado (Couto Junior, 2017). Esse desejo dela de contribuir com a formação das estudantes tem sido uma marca de quem passa pela experiência de conhecer Edméa Santos e o Grupo de Pesquisa que ela coordena.

Alguns anos depois, como docente adjunto na UERJ na disciplina “Tecnologias e Educação”, no curso de Pedagogia, eu e minhas orientandas da pós-graduação fundamos o Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). A última letra da sigla (Cibercultura) tem muita inspiração nos trabalhos que foram/vêm sendo desenvolvidos no IJEC e no GPDOC. Não estamos inaugurando um campo de estudos, mas fortalecendo as discussões de professoras-pesquisadoras que, há décadas, têm buscado o compromisso ético-político de pensar a formação humana dentro-fora da escola com o

⁵ Sobre a Revista, disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/about>>.



atravessamento das tecnologias digitais em rede. Nosso Grupo, além de buscar esse compromisso, também se volta mais especificamente para pensar (interseccionalmente) os diferentes marcadores sociais da diferença, visando romper com uma visão de mundo (cis)heterocentrada que impõe determinados padrões sociais e, ao mesmo tempo, desqualifica todas as pessoas que não se identificam com o modelo hegemônico da heterossexualidade.

Gostaria agora de convidar Jéssica e Marcelle, integrantes do JEGESC, para compartilharem suas itinerâncias docentes e o atravessamento do GPDOC na formação de vocês.

Marcelle: Que convite especial recebemos para contribuir com o Dossiê. Para falar da professora Edméa Santos e do GPDOC, realizo um resgate das minhas memórias a partir de 2020, com meu ingresso no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da UERJ. Com a orientação de Dilton no mestrado, fui apresentada ao conceito de cibercultura e, a partir disso, as leituras de Edméa e de suas parceiras de pesquisa do GPDOC me atravessaram. Não há como pensar a cibercultura no Brasil sem considerar essas contribuições desenvolvidas há tantos anos e a tantas mãos. O que começou por uma admiração das leituras, ganhou corpo com o convite para que Méa fizesse parte das minhas bancas de qualificação e defesa do mestrado (Teixeira, 2022). Lembro do frio da barriga e da responsabilidade que senti, com a certeza de que seria um momento de muito aprendizado. Cabe lembrar que essas bancas também foram formadas com a presença de Tania Maddalena, que além de ser uma professora-pesquisadora ímpar, foi orientada por Méa no doutorado.

Hoje tenho a felicidade de chamar Edméa apenas de “Méa”, de forma carinhosa, fruto do seu axé, da sua energia baiana e do abraço caloroso que sempre me deu. Méa vem colaborando ativamente junto ao Grupo de Pesquisa JEGESC, com generosidade entrelaçada ao rigor, buscando sempre o melhor que há em nós. Lembro que no momento da defesa do mestrado, Méa confirmou que estaria nas minhas bancas de doutorado. Além disso, sugeriu que eu valorizasse o chão da sala de aula como campo de pesquisa e relatou o desejo de me ver como professora concursada o quanto antes.

Em 2025, Méa fez parte da minha qualificação de doutorado (Teixeira, 2025), um trabalho que venho desenvolvendo e privilegia a realização de oficinas ciberfeministas com jovens pedagogas em formação da UERJ. Além disso, alguns dias após a qualificação, fui aprovada em um concurso para professora substituta na UERJ/FEBF, retomando o que aprendi com Méa sobre valorizar a experiência formativa dos sujeitos no chão da sala de aula, buscando inspiração na docência para o ofício da pesquisa (e vice-versa). Que importante ter a chance de refletir sobre a força de suas palavras, me desafiando e me impulsionando naquilo que eu amo fazer.

Jéssica: Ao receber a oportunidade de compor um Dossiê de edição comemorativa do GPDOC e da REDOC, logo me vieram à mente os encontros e cruzamentos que tive com as/os membras/os desse grupo de pesquisa e sua enorme produção acadêmica. Antes mesmo de



conhecer a sigla GPDOC, já era atravessada por suas autorias e inspirações teórico-metodológicas. Anterior ao meu ingresso no ProPEd, como mestrandia em 2023, já havia sido afetada por um dos integrantes do GPDOC, Wallace Carriço de Almeida, atualmente Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). À época, Wallace era meu colega de magistério na rede municipal de educação do RJ. Ele me incentivou a cursar a pós-graduação, semeando os conceitos e o fazer pesquisa do GPDOC, indicando leituras e compartilhando sua experiência como orientando da professora Edméa Santos.

Ao iniciar minha trajetória no ProPEd e como membra do JEGESC, percebi que não se faz pesquisa em educação na ciberultura sem ser instigada/afetada por Edméa Santos e/ou pelas/os membras/os do GPDOC. Recordo-me com nitidez de um dos primeiros artigos que li de Edméa, intitulado “A Ciberultura e a Educação em Tempos de Mobilidade e Redes Sociais: conversando com os cotidianos” (Santos, 2011), no qual ela define a ciberultura como um campo de criação e reinvenção das relações educativas, desafiando a escola e a formação docente a repensarem o currículo e as formas de aprender em uma sociedade conectada. Este artigo, assim como suas ideias, atravessam toda a minha dissertação (Silva, 2025) e me impulsionam a refletir sobre novas formas de educação em tempos de ciberultura.

Durante o mestrado, outro membro do GPDOC também foi muito citado em minha pesquisa e participou da banca de defesa: Felipe Carvalho, referência para quem adota a cartografia *online* ou cibercartografia como metodologia. Aprendi com Carvalho e Pocahy (2023) que a cibercartografia é uma metodologia que permite mapear, acompanhar e compreender as dinâmicas dos ambientes digitais de forma crítica, ética e reflexiva, envolvendo a participação ativa do/a pesquisador/a no processo investigativo e reconhecendo as relações de poder, fluxos de informação e interações sociais que constituem a ciberultura.

Refletindo sobre minha recente itinerância na academia, percebo que minha formação e meu fazer pesquisa foram continuamente atravessados pelo GPDOC e por suas/seus integrantes, especialmente pela professora Edméa, cuja presença intelectual afeta minha percepção sobre educação, tecnologia e pesquisa.

Dilton: Um dos trabalhos mais recentes dos quais tive a oportunidade de participar foi desenvolvido em colaboração com o IJEC. Na obra que organizamos, intitulada “Metodologias de pesquisa online: investigando em/na rede com o outro” (Maria Luiza *et al.* 2023), houve a participação expressiva de professoras-pesquisadoras que há muitos anos têm estabelecido parcerias com o GPDOC. Não poderia deixar de mencionar o texto que será privilegiado mais adiante como disparador de nossa conversa com o professor-pesquisador Dr. Felipe Carvalho: “Cibercartografia: uma abordagem ético-epistêmico-metodológica na ciberultura” (Carvalho; Pocahy, 2023).



Quando a gente acessa o *Lattes* do nosso convidado, fica fácil justificar a escolha do Felipe para participar da nossa conversa. É doutor e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPed) da UERJ. Foi bolsista de pós-doutorado CNPq pela Universidade Federal de Tocantins (2023-2024). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS/UNIGRANRIO) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (PPGE/UNESA). É editor-gerente da REDOC. É Ad Hoc da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e coordenador GT 16 ANPED Sudeste. Além disso, é também coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (GPEC/CNPq), que vem realizando pesquisas em educação *online*, informática na educação, didática, formação, diferença e cibercultura.

Nossa intenção de conversar com Felipe foge daquela perspectiva clássica de pesquisa ainda tão presente cotidianamente: uma pessoa organiza uma lista de perguntas enquanto outra, posteriormente, formula uma lista de respostas. Nossa ideia é tecer uma conversa, conforme Felipe vem nos ensinando há muitos anos: uma conversa “requer que nos demos conta da pluralidade de ideias, do inesperado, das tensões, dos conflitos, das disputas de narrativas e do poder-saber entre as/os conversantes” (Carvalho; Pimentel, 2022, p. 146). Além disso, a conversa requer que “tragamos outros pontos de vista, aprofundemos-problematizemos a discussão, articulemos múltiplas experiências e saberes, abramos espaço para que todas/os se expressem e sejam escutadas/os pelo coletivo” (Carvalho; Pimentel, 2022, p. 146). Nos interessa conversar porque temos muito o que aprender-ensinar com nossas parceiras do campo de estudos em cibercultura.

Com a palavra, Felipe Carvalho!

Dilton: Primeiramente, gostaríamos de agradecer imensamente sua disponibilidade, Felipe, para conversar conosco sobre um assunto que tem interessado muito nosso Grupo de Pesquisa JEGESC: os modos de pesquisar em/na rede, mais especificamente, o trabalho (ciber)cartográfico na pesquisa em educação na cibercultura. Inicialmente, conte-nos um pouco sobre sua itinerância de pesquisa no GPDOC.

Felipe: Tive acesso ao GPDOC pela primeira vez em uma especialização que havia na UERJ, em 2010, de Informática Aplicada à Educação, o EDAI. Nesse contexto, eu conheci a professora Edméa Santos, que é a coordenadora do GPDOC. Em conversa com ela me convidou para participar dos encontros do grupo. Desde então eu comecei a frequentar o grupo. Após o término do EDAI, eu me envolvi cada vez mais no GPDOC. Em 2013, eu fiz o processo seletivo para mestrado para o ProPed/UERJ. Iniciei-o em 2014, sob orientação da Edméa, defendi ele em 2015. Durante todo esse período, de 2010 à 2015, me debrucei sobre diversos modos de



pensar-fazer a pesquisa Educação, especificamente a partir dos estudos ciber culturais, educação online e epistemologia da multirreferencialidade. Já em 2017 iniciei meu doutorado, também no ProPEd, agora com a profa. Edméa como coorientadora da tese, pois migrei de orientação para o prof. Fernando Pocahy, que é o responsável pelo GENI - Estudos de Gênero e Sexualidade. Defendo o doutorado em 2021 fazendo o diálogo dos estudos ciber culturais do GPDOC com o pós-estruturalismo, que é a epistemologia mobilizada no GENI. Atualmente com o meu grupo de pesquisa busco fazer um diálogo teórico-epistemológico-metodológico com bases nesses estudos e continuo pesquisador-colaborador no GPDOC.

Dilton: Que oportunidade importante a que temos em mãos de registrar a relação de cada um de nós com Edméa Santos, o GPDOC e a REDOC. São itinerâncias diferentes, experienciadas em momentos e contextos diversos, mas sempre marcadas pelo afeto e pelo aprendizado. Recentemente participei de uma banca cujo autor do trabalho estava referenciando o ato de pesquisar na internet com uma obra renomada, mas que foi publicada há mais de duas décadas. As dinâmicas sociais ciber culturais mudaram muito desde os anos 2000 para cá. Como o conceito de ciber cultura em sua fase atual vem sendo explorado/pensando por você?

Felipe: Ao longo desses anos a ciber cultura passou por diversas transformações. Teríamos muita coisa para discutir, fazendo uma breve síntese histórica, podemos destacar: web social, dispositivos móveis (celulares) conectados em rede, aplicativos, redes sociais digitais, espaços hiper-híbridos, aprendizagem ubíqua, mídias locativas, realidade aumentada, internet das coisas, *big data*, colonialismo de dados, capitalismo de vigilância, plataformização, *fake news*, discursos de ódio, desinformação, movimentos sociais, e agora, mais recentemente, a Inteligência Artificial Generativa (Pimentel; Carvalho, 2025). Inclusive esta última é uma das apostas desta década que estamos vivendo, dado que é o maior fenômeno ciber cultural atualmente. Compartilho da ideia de Santaella (2021) ao destacar que a ciber cultura hoje vive a era da conectividade expandida, a qual é marcada por três camadas sobrepostas e interconectadas: conectividade social, conectividade híbrida e arquiconectividade. Conectividade social refere-se às interações e trocas realizadas nas redes sociais e plataformas digitais, onde os dados dos usuários são capturados, rastreados e manipulados por algoritmos. Essas interações podem criar "bolhas filtradas", influenciar opiniões e comportamentos, e até mesmo gerar *fake news*, contribuindo para o fenômeno da pós-verdade. Conectividade híbrida diz respeito às interfaces entre seres humanos e tecnologias, que se tornam cada vez mais integradas e simbióticas. Exemplos incluem dispositivos móveis sensíveis ao toque, robôs comunicacionais e tecnologias vestíveis ou implantáveis, que ampliam as capacidades humanas e criam novas formas de interação. Arquiconectividade é um nível mais avançado de conectividade, onde objetos e ambientes se tornam "seres comunicantes". Isso inclui a Internet das Coisas (IoT), a Internet dos Corpos (IoB), e sistemas inteligentes que interagem com humanos e entre si, criando ecossistemas conectados que transformam a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Acredito que essa



síntese é um fragmento de um cenário sociotécnico mais amplo, que muda tudo: o modo como aprendemos, ensinamos, pesquisamos, relacionamos, interagimos, subjetivamos, produzimos, consumimos, somos transformados por essas tecnologias, de como nossos corpos e mentes tornam-se matéria-prima para grandes empresas, entre outras mudanças...

Marcelle: O panorama que você apresentou evidencia a complexidade da cibercultura, marcada por transformações constantes. Você menciona a web social, também conhecida como Web 2.0, marcada pelo momento em que as/os internautas passaram a compartilhar conteúdos na internet com o surgimento e a popularização das redes sociais e dos *blogs*. É interessante pensar nessa web, marcada por três princípios centrais: a liberação da palavra, a reconfiguração social e a conexão e conversação mundial (Lemos, 2010). O que vivenciamos hoje pode ser compreendido como uma complexificação dessas dinâmicas, impulsionada pelos avanços sociotécnicos, que ampliam nossas possibilidades de interação, criação e aprendizagem, mas também intensificam desafios, como as *fake news* e os discursos de ódio que você mencionou. Diante de um cenário tão dinâmico, reconhecemos o desafio de nomear a nossa forma de fazer pesquisa. Entendemos que esse desafio não é individual, mas compartilhado entre pesquisadoras/es que se debruçam na articulação entre o digital em rede e o campo da educação. Nesse sentido, conte-nos um pouco sobre a sua escolha de trabalhar com a cartografia *online* na tese de doutorado (Carvalho, 2021) e o que motivou a transição para a cibercartografia em suas pesquisas mais recentes?

Felipe: Inicialmente eu e Fernando Pocahy tínhamos pensado em fazer uma cartogenealogia por conta da temática da tese na época. A ideia era bricolar a cartografia deleuziana com a genealogia foucaultiana, mas com o amadurecimento da pesquisa optamos por mobilizar somente a cartografia e produzi-la *online*, como prática da cibercultura. Era o movimento de pesquisa que consideramos mais apropriado para aquele momento, pois estávamos preocupados em compreender as formações históricas-subjetivas, os processos de significação discursivos, as relações de saber-poder e as pedagogias ciberculturais. Quando chegamos à ideia de cartografia *online* já tínhamos o desejo de não produzir uma pesquisa extrativista, só observar o fenômeno se dando, enquadrá-lo em uma teoria *a priori* e capturar tudo aquilo que considera relevante sem um compromisso ético-estético-político com o(a) outro(a). Nosso movimento foi ao contrário, o de compreender o fenômeno em ato, participando dele, fazendo intervenções, conversando com as(os) interlocutoras(es) que o experienciam e produzindo teorizações durante o processo da pesquisa. Por outro lado, sentíamos que “cartografia *online*” não era um bom nome, pois nos passava ainda a ideia extrativista. Por conta disso, mudamos para a cibercartografia. Cada cibercartografia tem a sua própria singularidade de pensar-fazer a pesquisa, produzir teorizações discursivas, criar movimentações epistêmico-metodológicas, opções por instrumentos/dispositivos no ato de pesquisar e problematizações analíticas, o que torna complexo tentar defini-la.



Marcelle: Que interessante pensar nas diferentes relações e possibilidades que você, em parceria com o Fernando, vem construindo a partir da cartografia. Nem sempre temos acesso aos “bastidores” da pesquisa nos textos, que incluem os dilemas investigativos e as próprias escolhas que foram sendo deixadas de lado ao longo do percurso.

Jéssica: Gostaria de comentar sobre seu processo de experimentação e reinvenção metodológica. Inicialmente você considerou a cartogenealogia, em seguida utilizou a cartografia *online* e, mais recentemente, passou a adotar a cibercartografia. Concordo com você sobre a complexidade de defini-la. Isto porque não há um passo a passo a ser seguido nem uma prescrição para sua realização; ao contrário, o que se valoriza são os desvios, as rotas alternativas e os caminhos que se inventam no percurso (Carvalho, 2021; Pozzana, 2013). Além disso, trata-se de uma metodologia ancorada em aportes pós-estruturalistas, que preserva sua singularidade, ainda que dialogue com princípios também presentes em outras formas de pesquisa.

Dilton: Nos últimos anos vimos acompanhando a criação/invenção de terminologias para se referir ao trabalho cartográfico em/na rede, incluindo cartografia digital, cartografia *online* e cibercartografia. No JEGESC, a gente vem entendendo que, embora seja importante (re)criamos metodologias/estratégias para acompanhar as mudanças sociais engendradas pela mediação do digital em rede, por outro lado também ficamos com receio de cairmos na armadilha de multiplicarmos as nomenclaturas no lugar de buscar consolidar a metodologia de pesquisa. Entendemos a dificuldade de buscar definir a complexidade de nosso trabalho cartográfico, por outro lado continuamos mantendo nossa opção em nomear de cartografia *online* o modo como vimos operando teórico-metodologicamente em tempos de cibercultura. Também nos afastamos de uma perspectiva extrativista e valorizamos a relação com o outro nos trabalhos que vimos desenvolvendo no Grupo de Pesquisa. Aprendemos muito com você a pesquisar com e através das redes e continuamos acompanhando sua produção, que também alimenta/reoxigena nossa aposta pela cartografia.

Jéssica: Felipe, que alegria tecer essa conversa com você, que é um professor-pesquisador parceiro do nosso Grupo de Pesquisa, uma inspiração para pensar o momento cibercultural atual e a (ciber)cartografia como metodologia de pesquisa. Agradecemos pela disponibilidade e pelas trocas sempre enriquecedoras. Ao longo da conversa, emergiram pistas, deslocamentos e provocações sobre o fazer cartográfico em tempos de cibercultura. Eu, Marcelle e Dilton, gostaríamos de propor uma última questão, que não deve ser lida como um encerramento, pois esta conversa certamente será retomada em outros espaços-tempos. Você poderia comentar sobre as potencialidades/especificidades da pesquisa (ciber)cartográfica?

Felipe: A cibercartografia busca dar conta do inesperado, da incompletude, da emergência, da imanência, da multiplicidade e da abertura - dimensões próprias do devir e da complexidade contemporânea. Trata-se de um modo de pensar e agir que se inscreve na heterogeneidade, no



pensamento rizomático, nos agenciamentos, nos processos, fluxos, conexões, signos, significações e discursos que compõem as realidades em rede. Assim como a cartografia proposta por Guattari e Rolnik (1996), a cibercartografia se alimenta de tudo o que encontra para produzir uma dada realidade - entendida aqui como desejo, não no sentido da falta, mas como força produtiva, potência criadora que atravessa sujeitos, tecnologias e contextos. Ela não busca representar o real, mas produzi-lo, delineando os movimentos, afetos e traçados que emergem nas práticas humanas e tecnológicas. A cibercartografia é, portanto, um modo de semiotização, análise e apreensão da realidade, que se ocupa dos processos em curso, e não de modelos fixos ou estruturas estáveis. Está implicada com um olhar atento às singularidades em rede, recusando generalizações e categorias totalizantes. Mais do que um método, é uma prática inventiva, um mapa em constante processo de composição, onde o mapa não precede o território, mas se faz junto com ele. A cada traçado, novos sentidos são engendrados, novas conexões são ativadas, e novos territórios existenciais se configuram. Pode-se dizer, portanto, que a cibercartografia é a arte de acompanhar os processos de subjetivação e as formações socio-históricas na cibercultura, evidenciando como os fluxos informacionais, tecnológicos, afetivos e discursivos se entrelaçam na produção de mundos. Ela convida o/a pesquisador/a-cartógrafo/a a se deixar afetar pelo campo, a experimentar e a construir mapas abertos, móveis e sensíveis, que revelam a potência criadora da vida em meio às redes digitais.

Jéssica, Marcelle e Dilton: Felipe, mais uma vez agradecemos sua disponibilidade e desejo de tecer essa conversa conosco! Seguimos juntas e sempre com a vontade de continuar aprendendo com você e o GPDOC sobre como potencializar/ampliar as práticas de pesquisa-docência em tempos de cibercultura.

PARA NÃO CONCLUIR

Nosso modo de pesquisar e entender a pesquisa reflete nosso compromisso ético-estético-político com a produção de conhecimento no campo científico. Há mais de duas décadas, Nelson Pretto (2002) já dizia que formação exige rede e mobilização coletiva. Ao revisitarmos nossas itinerâncias formativas, é nítido que nenhuma caminhada se faz sozinha: nossa formação é atravessada pelo encontro com outras/os pesquisadoras/es, pela generosidade que nos afeta e nos reinventa.

É nesse movimento de encontros e atravessamentos que a REDOC, como espaço de visibilidade e circulação de saberes, consolida-se como periódico imprescindível na divulgação e no



fortalecimento de discussões contemporâneas, sendo difusora das práticas e reflexões inspiradas no modo de *pensar/fazer* pesquisa na interface entre educação e ciberultura. Que possamos seguir caminhando em parceria com o GPDOC e contribuindo de diferentes formas com a REDOC - na avaliação, publicação e divulgação científica.

Quanto às inquietações metodológicas discutidas, concordamos que, seja por meio da pesquisa-formação na ciberultura, da cibercartografia ou da cartografia *online*, há um desejo coletivo de partilhar experiências de pesquisa-vida em/na rede, nutrindo a vontade de conhecer, cada vez mais e melhor, o modo como as tecnologias digitais em rede produzem modos outros de pensar-fazer a docência-pesquisa em tempos de ciberultura.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Felipe; PIMENTEL, Mariano. Desculpa a interrupção, professor, eu nem sei se eu poderia te interromper: quais os sentidos da conversação em aula? **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 127-148, set./dez. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3GAdcGl>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CARVALHO, Felipe; POCAHY, Fernando. Cibercartografia: uma abordagem ético-epistêmico-metodológica na ciberultura. In: OSWALD, Maria Luiza; FERNANDES, Adriana Hoffmann; SILVA, Dagmar Mello; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino (Orgs.). **Metodologias de pesquisa online: investigando em/na rede com o outro**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, p. 175-203.

CARVALHO, Felipe; POCAHY, Fernando. Milícias digitais: fragmentos de pedagogias ciberfascistas. **Educação**, Santa Maria, v. 48, n. 1, p. 1-22, jan./dez. 2023. Disponível em: <<https://is.gd/yhGOdd>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CARVALHO, Felipe. *#Pedagogiasciberculturais: como nos tornamos o que somos?* Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. *Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook: em defesa de uma pedagogia queer*. 2017. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.



COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. *Ciberultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook*. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GIRARDELLO, Gilka. Produção cultural infantil diante da tela: da TV à internet. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11-12, p. 1-12, jan./dez. 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2FUDrYG>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 4. Ed, 1996.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31. 258p.

OSWALD, Maria Luiza; FERNANDES, Adriana Hoffmann; SILVA, Dagmar Mello; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino (Orgs.). **Metodologias de pesquisa online**: investigando em/na rede com o outro. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe. **IA generativa e educação**: práticas e teorizações. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2025. Disponível em: <<https://books-sol.sbc.org.br/index.php/sbc/catalog/view/182/812/1608>>. Acesso em: 7 nov. 2025.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 323-338, ago. 2013. Disponível em: <<https://is.gd/YlrtuQ>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PRETTO, Nelson De Luca. Formação de professores exige rede! **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 121-131, maio/jun./jul./ago. 2002. Disponível em: <<https://rb.gy/5qanh6>>. Acesso em: 15 maio 2025.

RUANI, Ruann Moutinho; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. “Isso já passou, tá geral se pegando já”: investigando os usos do Grindr em tempos de pandemia. **Revista Docência e Ciberultura**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 134-149, jan./abr. 2022. Disponível em: <<https://shorturl.at/ql3fV>>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. **Humanos Hiper-Híbridos**: Linguagens e cultura na segunda era da internet. Rio de Janeiro: Editora Paulus, 2021.

SANTOS, Edméa. Formação de professores e ciberultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. **Revista da FAEEBA**, Salvador, v. 11, n. 17, p. 113-122, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2X4yH9F>>. Acesso em: 12 abr. 2019.



SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011, p. 75-98.

SILVA, Jéssica Coelho Parreira da. *Cibercorpos juvenis femininos em “dancinhas” compartilhadas no TikTok: por uma educação ciberfeminista*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

SILVA, Renata Borges Leal da; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA): pensando a formação de pessoas da terceira idade. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 24-40, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://shorturl.at/6ofnK>>. Acesso em: 28 ago. 2025.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. *Na pandemia, nem tudo que reluz é ouro: discutindo fake news e o fenômeno da pós-verdade em tempos de necropolítica no Brasil*. 2022. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.